

Universidade Aberta

JFC • UECE • UVA • UFRN • ESAM • FUM • UFPe • UFPb • UFBa • UFRPe • FUFPI • UFS

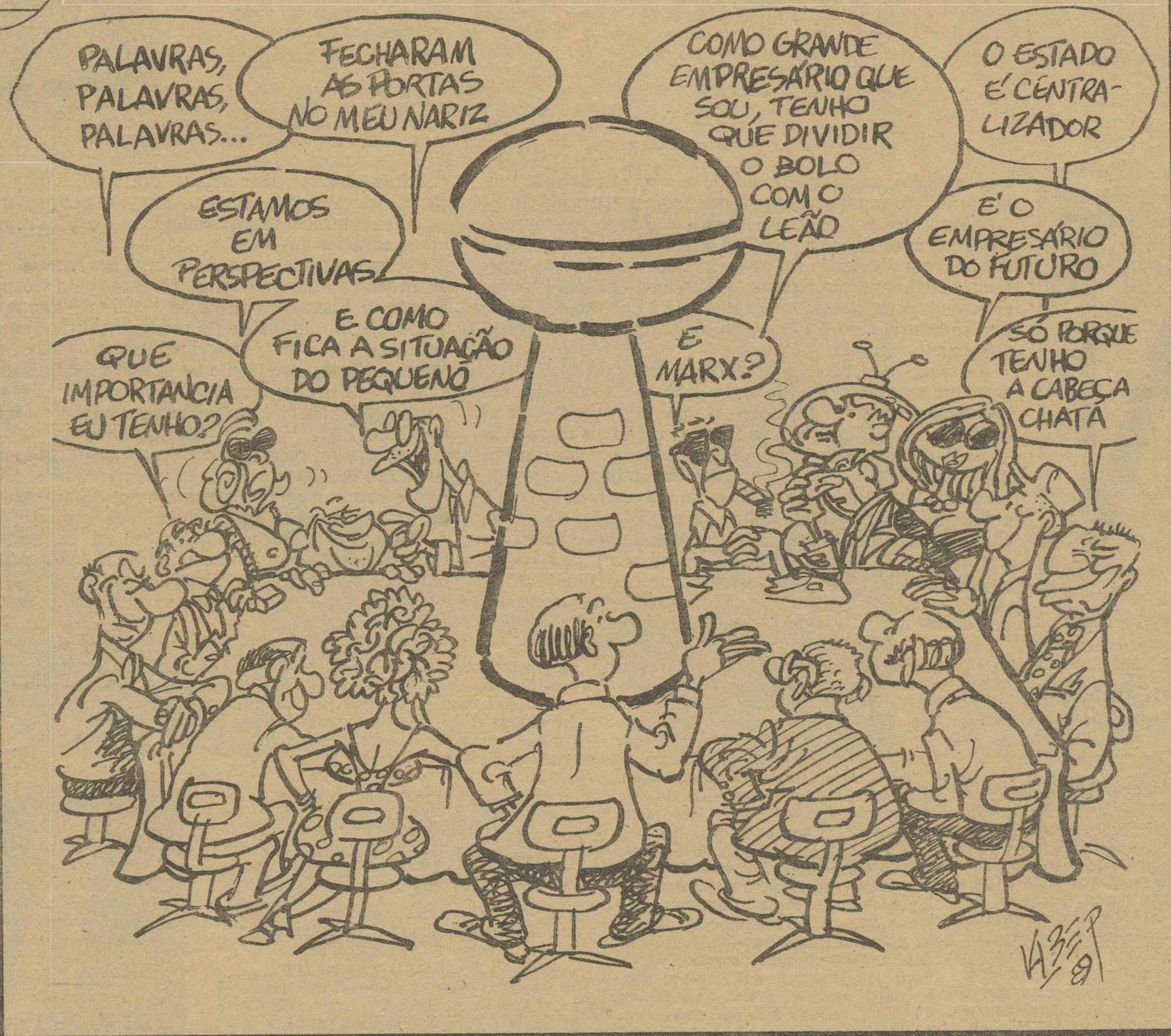
DO NORDESTE

Empresários e a Microempresa

Fascículo-Aula

Nº 14

Jornais: O Estado do Maranhão(MA), O Dia(PI), O Norte(PB), Jornal de Sergipe(SE), Diário de Pernambuco(PE), A Tarde(BA), Diário de Natal(RN), Gazeta de Alagoas(AL), O Povo(CE), Tribuna do Norte (RN)



Dilemas Contradições Perspectivas

Apoio:



Financiadora de Estudos e Projetos

MEC

Ministério da Educação



CEBRAE.

Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa.



PETROBRAS



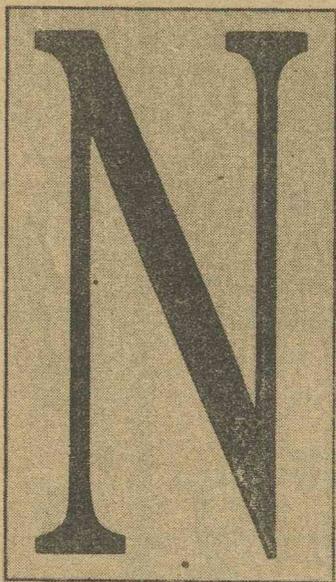
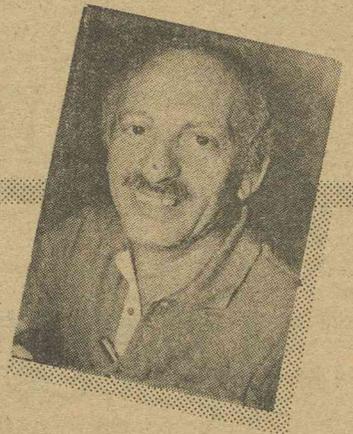
BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.



BANCO DO BRASIL S.A.

Iniciação Empresarial

Coordenação Técnica: Iailson Silveira de Araújo



este fascículo, damos continuidade ao curso "Iniciação Empresarial" com uma mesa-redonda, com a participação de representantes dos principais órgãos de classe do empresariado cearense. A nossa principal intenção em organizar esse debate e em divulgá-lo foi ouvir a opinião de pessoas experientes do mundo empresarial, que ao longo de suas práticas cotidianas acumularam uma sabedoria e que, hoje, unindo essa sabedoria com o saber técnico, impulsionam o desenvolvimento regional.

Ao longo do debate, como vocês poderão perceber, veremos que os nossos interlocutores não são apenas agentes econômicos, mas sujeitos políticos, que, convivendo com as contradições econômicas e políticas — nacionais e regionais —, tentam influenciar os rumos da sociedade brasileira. Por isso, neste debate, o pequeno empresário também é visto dentro de uma totalidade mais ampla, na sua relação com a conjuntura econômica e política, com o Estado, etc. É um empresário que discute também a economia política e quer influenciar, produzindo não só mercadorias e serviços, mas novos valores e comportamentos, porque começa a perceber que só "se lançando politicamente" — como diz um dos debatedores — pode enfrentar situações econômicas e

políticas adversas. Este debate, portanto, é uma contribuição a mais para que todos aqueles que nos acompanharam no curso continuem aprofundando as questões técnicas e políticas surgidas nas aulas.

Participaram da mesa-redonda, Luiz Esteves, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Raimundo Viana, presidente da Federação das Associações do Comércio, Indústria e Pecuária, (FACIC), Fernando Cirino Gurgel, presidente do Centro Industrial do Ceará (CIC), Roberto Pessoa, presidente da Associação Cearense de Avicultura (ACEAV), Lincoln Machado, da Associação dos Bancos (ABANCE) e Paulo Moraes, da empresa informática ENGEDATA.

O debate foi coordenado pelo sociólogo Benedito Carvalho, Coordenador do Programa Universidade Aberta pelo Rádio e contou com a participação da Coordenadora Geral do Programa, Celeste Cordeiro, dos professores Iailson Araújo e Sérgio Nogueira organizadores da mesa-redonda. Estiveram presentes, também, Albaniza Lúcia Dummar, Diretora da Fundação Demócrito Rocha e Demócrito Dummar, Vice-Presidente. A edição do texto foi de Benedito Carvalho.

Identificando prioridades

UNIVERSIDADE ABERTA: Hoje em dia qualquer empresário, seja iniciante ou não, tem que ter um relacionamento mais estreito com o conjunto da sociedade. Com que tipo de apoio ele deve contar e que tipo de problemas vai se defrontar? Quais são as suas perspectivas?

RAIMUNDO VIANA: "Eu me identifico muito com o programa "Universidade Aberta", porque me identifiquei muito com o pequeno e o microempresário. É de lá que eu venho e, hoje, tenho a honra de presidir a FACIC, uma entidade que tem como coirmãs 78 entidades. Nós congregamos segmentos do setor primário, secundário e terciário. Isso nos traz um grande volume de informações. Entre esses setores, sentimos que o microempresário é muito dinâmico na nossa entidade.

Vamos falar sobre o empresário iniciante. O que ele vai encontrar pela frente?

Podemos dizer que o iniciante está em lua-de-mel com a riqueza, com o desenvolvimento, com a mudança de costumes. Ele está na feira livre, na cidade do interior. E é lá que vai identificar suas potencialidades. Normalmente a cidade do interior é essencialmente importadora. Ele vai encontrar comerciantes vendendo brinquedos, roupas, sapatos e

muitas coisas que poderia substituir. Portanto, a primeira coisa que o iniciante deve procurar é identificar suas prioridades, descobrir sua vocação, ver de que gosta e depois começar a fazer aquilo que sabe. Deve partir de uma iniciativa própria, consciente de que as grandes descobertas vieram do microempresário. No mundo inteiro, hoje, as inovações, se pensarmos em termos de pesquisa, vieram do microempresário. A pesquisa nasce sempre de uma pequena iniciativa e depois ela é difundida, transforma-se numa grande descoberta. O iniciante, portanto, tem que ver seu mundo exterior, ter um espírito associativista, se proteger. A primeira coisa que eu sugeriria para o iniciante é procurar a sua entidade, a associação de microempresas, o CEAG, e o CEBRAE, que têm todo um programa de apoio à microempresa. E ainda pode se beneficiar desses órgãos de pesquisa. Ao invés de ter todo aquele trabalho, já pega a pesquisa pronta e acabada com aqueles aspectos que lhe interessam. Se está interessado num pequeno laboratório, por exemplo, vai lá e pesquisa. A universidade, também tem muitas informações nesse sentido.

Hoje, há uma consciência, principalmente por parte do Governo Federal e Estadual, de que o segmento da pequena e microempresa é vital para a economia. As economias do mundo inteiro já descobriram a importância da pequena e microempresa. Dentro desta perspectiva, ele vai encontrar toda uma linha de apoio. Se nós raciocinarmos em termos de Ceará, temos os cursos do CEAG,

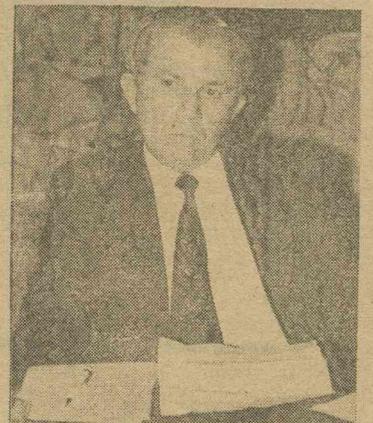
programas voltados para o pequeno empresário. Há, portanto todo um mundo para o microempresário atuar. E o momento para você iniciar seu negócio é exatamente o momento de crise, que incita à criatividade. Essa é a hora!

Enfrentando momentos difíceis

U.A. — Nós estamos convivendo com uma economia de choque, extremamente instável e cheia de alterações bruscas. Que fatores devem ser levados em consideração pelo pequeno empresário frente a essa realidade?

ROBERTO PESSOA — "Realmente, a situação em que vive a economia brasileira tem sido de constantes choques. E isso tem trazido sérios problemas, tanto para o pequeno quanto para o grande empresário. Para o pequeno a situação se agrava porque ele tem poucas condições de acesso a um contador, a um assessor. O setor do empresariado rural, esse sim, enfrenta as maiores dificuldades, porque mora afastado da cidade. O pequeno empresário tem que encontrar um certo apoio para a sua iniciativa, como, por exemplo, a associação de classe a que pertence, que, naturalmente, estará instruída para tal fim. Eu daria esse conselho para o pequeno empresário que está iniciando: é preciso ter jogo de cintura, o que vai-se adquirindo aos poucos. É pre-

ciso, também, ter alternativas na sua linha de produção. As pessoas não podem produzir só determinados produtos. Tem que diversificar."



Raimundo Viana, presidente da FACIC

/// O empresário iniciante está em lua-de-mel com a riqueza. A primeira coisa que deve procurar é identificar suas prioridades, descobrir sua vocação, ver de que ele gosta e começar a fazer aquilo que sabe. ///

O empresário ausente

U.A. — Observamos a ausência de empresário em seminários, debates e mesas-redondas como esta. Parece que o empresário se esquia de um debate mais aberto, mais político. A que o sr. atribui esse esquivamento? Será que ele não vê isso como algo importante?

FERNANDO CIRINO GURGEL — “Sou presidente do Centro Industrial do Estado do Ceará (CIC) e é com muita satisfação que participo desse debate.

Eu queria afirmar, antes de mais nada, que esta pergunta que você acaba de me fazer é uma realidade. Isso se deve à omissão, à falta de um conhecimento maior do empresário da importância desses debates, dessas mesas-redondas, pois a visão, geralmente, é de curtíssimo pra-

buscou um caminho mais fácil, mais do imediato, onde se consegue as coisas com rapidez e facilidade. O Japão investe em tecnologia bem mais que o Brasil; dão a importância que o assunto merece.

Mas, apesar de tudo, tenho a certeza que estamos caminhando para melhores dias. A população brasileira vive inquieta e onde se chega o assunto discutido é o futuro, os problemas nacionais...”

PROFESSOR ILAILSON — “Eu acho muito interessante as colocações feitas pelo sr. Fernando Cirino, do CIC. Uma que considero importantíssima é a visão de curto prazo de nosso empresário e do povo de uma maneira geral. O brasileiro aplica um cruzado querendo capitalizar amanhã dez, imediatamente, sem noção de investimento. Isso tem sido uma das coisas mais difíceis nesse país, o enriquecimento rápido e fácil. Se vislumbra fazer grandes fortunas no mercado financeiro. Produção, nada! Investir em pessoas, nada! Para o País isso é uma derrota à vista. Outro detalhe importante: a socieda-

ro. Eles tinham aquele prestígio perante a comunidade de homens sérios e o respaldo para garantir aquilo que eles pusessem lá. Como as moedas eram de ouro ou prata, eram os cunhadores de ouro e prata que geralmente começavam a atividade bancária. Depois, foram surgindo os comerciantes que começaram na Itália e depois na França, na Inglaterra e na Europa inteira. O maior banco do mundo estava na Europa, o Banco dos Médicis. Até hoje não tem um banco igual no mundo. Ele recebia todos os impostos de todos os reinos europeus.

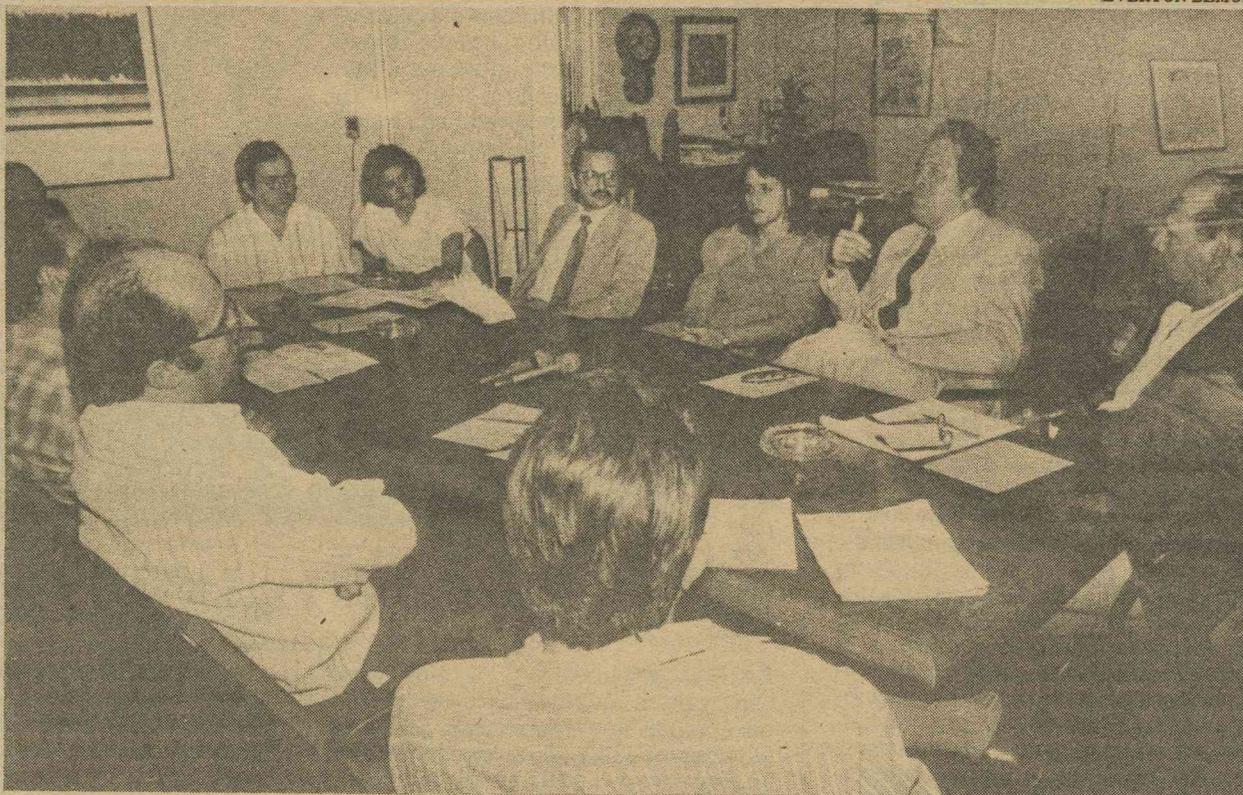
No nosso caso, que não é o maior, nunca se nasce com um metro e oitenta. Todo negócio tem que começar pequeno um dia. A Ford, hoje, por maior que seja, começou de uma idéia. E não existe nada menor no mundo que uma idéia. O que existe é uma certa deturpação, um preconceito com relação ao microempresário. Quem quer começar com a idéia de colocar 10 mil cruzados e amanhã ganhar duzentos está errado. A função do banco é ajudar o empresário, o cidadão, a com-

EVERTON LEMOS



Roberto Pessoa, presidente da ACEAV

“É preciso ter jogo de cintura, alternativas na linha de produção. As pessoas não podem produzir determinados produtos. Têm que diversificar.”



O debate contou com a presença das mais expressivas lideranças empresariais do estado

zo. O empresário, como todo bom brasileiro, só pensa no imediato. Falta uma visão mais de médio e longo prazo. Porém, quero afirmar que essa omissão vem diminuindo cada vez mais. Atualmente nós estamos nos deparando com uma realidade bem diferente daquela que o Brasil viveu anteriormente. Vemos, hoje, uma classe trabalhadora atuando, os intelectuais se movimentando. Vemos nas universidades brasileiras, principalmente aqui no Nordeste, uma produção constante de doutores, que antes só visavam o emprego municipal, estadual e federal. Estamos nos deparando hoje com um problema gravíssimo que é o excesso de funcionários em todos os níveis. A nossa sociedade, na atualidade, está ciente da necessidade de uma melhor produtividade e essa união da sabedoria e do saber, sem dúvida, nos conduzirá a um nível tecnológico bem mais avançado. Nós vemos países como o Japão e ficamos envergonhados em morar num país com um potencial tão grande e, ao mesmo tempo, dando atestado de incompetência para o resto do mundo. Um país onde Deus colocou um enorme potencial mas o povo que aqui habita, infelizmente, não se conscientizou desse potencial e sempre

de, de um modo geral, buscava sempre a segurança pessoal. Formado na universidade, a pessoa se encaminhava para um pistolão, conseguia sua vaga nos órgãos públicos federais, estaduais e municipais e estava garantida a sua vida. O que estamos sentindo hoje é uma sociedade ávida, esperançosa, aberta, com mil oportunidades para as pessoas ousarem.”

Banco para o microempresário? Uma falácia!

U.A. — Qual é o papel do banco, enquanto instituição financeira, no fortalecimento do microempresário?

LINCOLN MACHADO — “O sistema financeiro surgiu no mundo a partir da necessidade das pessoas que tinham seus afazeres e que tinham reservas e não queriam ficar tomando conta dessas reservas. Então, procuraram alguém que tomasse conta. Os primeiros banqueiros do mundo foram homens que cunhavam ou-

por o seu capital. O sistema financeiro está lá para suprir uma necessidade — do micro, do pequeno, da empresa individual e também do mega-empresário. Não é uma empresa para dar, como nenhuma empresa. Quando uma instituição financeira dá os recursos, tem que ter retorno para devolver os depósitos feitos por outro empresário. Se ninguém tivesse recursos não existiria banco. O banco é necessário? É! O banco pode contribuir com os microempresários? Pode e deve, pois presta serviços a todos os segmentos da sociedade. Não existe, por exemplo, menor segmento do que a pessoa física e o banco presta serviço a essa pessoa. Existe um mito difundido de que o banco só faz negócio com grandes empresas. Não, o banco quer negócios com empresas sérias, com gente séria e não com pessoas que ficam pensando como dar calote. Isso é que é evitado no sistema financeiro: o calote; uma coisa que a pessoa pode fazer premeditadamente para ludibriar a boa intenção do banco que está financiando.”

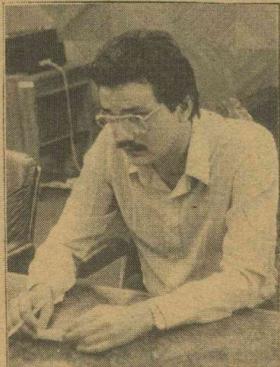
U.A. — Por que existe uma preocupação já bastante intensa de se criar um banco para o microempresário? Porque não é o mesmo banco? Por que pela mesma por-

ta que entra o grande não entra o pequeno, também? Qual é o problema? Por que o microempresário teme tanto entrar numa instituição bancária?

LINCOLN MACHADO — Acho muito difícil ser criado um banco só para o microempresário. Para mim isso é uma falácia. Eu já tenho mais de dezoito anos de banco e hoje os custos financeiros para se prestar um bom serviço num banco são elevadíssimos. O que se fala é que o banco não vai operar contigo porque você não dá rentabilidade ao banco. Então, o custo que você tem para uma operação pequena é o mesmo de uma operação grande. O custo não vai ser maior pelo fato do empresário ser menor.

U.A. — O que afugenta o pequeno, o grande e o médio empresário do banco não é o banco em si, mas as altas taxas de juros cobradas. O custo do dinheiro no Brasil é extremamente alto, gerando problemas para quem busca capital de giro, por exemplo. Como o sr. analisa esse problema?

LINCOLN MACHADO — “Realmente, esse é o grande problema do Brasil. Daí se ter criado a expressão “ciranda financeira”. Mas é preciso ver que o que existia no Brasil até 15 de janeiro é uma custo que chamo de “ilusão numerológica”. Você vendia a sua casa, botava o dinheiro na poupança, rendia um percentual dos quais uma parte era correção monetária, atualização do seu dinheiro e mais meio por cento de juros. Quer dizer, os juros, na realidade, eram baixos. Acontece que você não recebia meio por cento, recebia 29%. Então, criou-se a ilusão numerológica de que você poderia viver daquilo. E seu dinheiro, depois de um tempo, não valia mais nada porque o preço do imóvel estava dobrado e jamais você o compraria de novo pelo antigo valor. Era uma ilusão.”



Lincoln Machado, da ABANCE

O empresário do ano 2000

U.A. — Sr. Paulo Moraes, praticamente faltam doze anos para chegarmos no ano dois mil. Daqui há pouco assistiremos o início de um novo milênio. Como será o empresário no ano dois mil?

PAULO MORAES — “Estamos há doze anos do ano 2.000 e não espero que durante esses anos o perfil de nossa região se modifique muito. Esperamos, sim, que na primeira década do século vinte e um apareçam os primeiros conglomerados na região. De qualquer maneira, o empresário, em qualquer lugar do mundo, estará passando por modificações consideráveis.

Nós dividiríamos a pergunta em dois aspectos: em primeiro lugar o perfil do empresário e, em segundo lugar, os efeitos desse novo perfil na empresa. No primeiro aspecto, nós definiríamos o empresário de sucesso no futuro, em qualquer região do mundo, como aquele capaz de associar quatro papéis básicos: o papel de produtor, como homem que sabe fazer alguma coisa, como aquela pessoa que detém a energia e o conhecimento necessário para fazer com que um determinado trabalho seja feito. O segundo papel é o do administrador. O administrador é aquele que consegue produzir alguma coisa através do trabalho de outras pessoas. Ele planeja, programa, organiza, coordena e controla a execução para atingir os resultados finais. O terceiro papel é o papel de empreendedor. Esse é aquele papel capaz de gerar os seus próprios planos de ação. Ele deve ser capaz de estabelecer objetivos e metas, de acordo com as contingências ou mudanças ambientais. Veja, por exemplo, o Plano Verão. Antes que os seus resultados se tornem insatisfatórios, o empreendedor terá que ser um autopropulsor. Finalmente, o papel de integrador. Deve ser aquele elemento capaz de compor grupos, harmonizando-os, completamente capacidades individuais em todo o complexo produtivo, sem faltas nem excesso. O bom integrador pode tornar-se dispensável com o tempo. Uma equipe integrada pode sobreviver sem ele.

No passado, os empresários se habituaram a contemplar dois grandes fatores de produção: capital e trabalho. A sociedade industrial incorporou o terceiro fator, chamado de tecnologia, em que muitos passaram a incluir a mão-de-obra especializada. Um quarto fator entrou em cena: a informática. Um dos grandes fatores de sucesso empresarial nos anos dois mil será a melhor utilização da informática como fator de produção, no planejamento, no controle da produção, na formulação de novos produtos. E, também, no auxílio gerencial, como na elaboração de planos, na coordenação de elementos produtivos e na avaliação de resultados estatísticos gerenciais.

No futuro, todo o fundamento em que se baseou a relação capital x trabalho estará sofrendo alteração. A cultura de massa, a popularização da tecnologia, abrindo cada vez mais espaços para trabalhos individuais e autônomos, obrigará a empresa a essa mudança radical de filosofia. Fatores que, no passado, levaram Karl Marx a formular a famosa definição de capitalismo como exploração do homem pelo homem estarão modificados a ponto de transformar o capitalista no explorador das oportunidades para o homem. //



Paulo Moraes, da Engedata

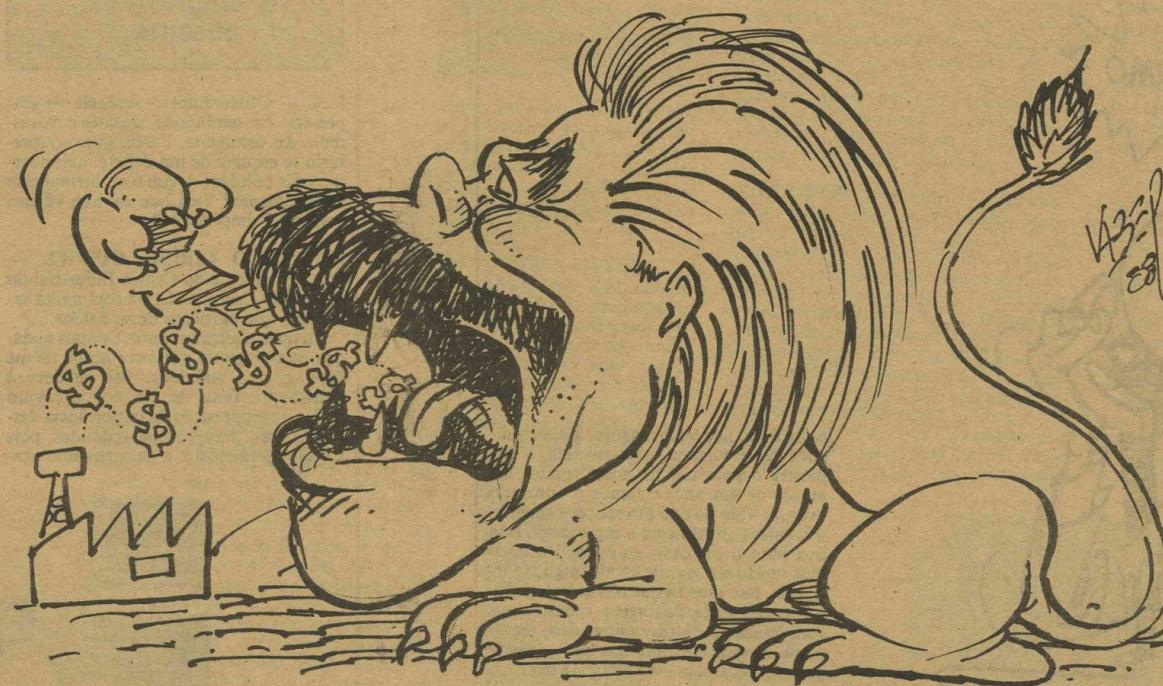
// Fatores que, no passado, levaram Karl Marx a formular a famosa definição de capitalismo como exploração do homem pelo homem estarão modificados a ponto de transformar o capitalista no explorador das oportunidades para o homem. //

Semler, já apontava no seu recente livro chamado “Virando a Própria Mesa” (Editora Best Seller, 1988) os dez mandamentos para a empresa no seu relacionamento com a comunidade (ver box ao lado). Ele aponta aspectos muitos válidos. No campo das relações de trabalho, por exemplo. Nos seus “dez mandamentos”, coloca em primeiro lugar salários e benefícios adequados. Do ponto de vista econômico, o empresário será obrigado, no futuro, a perceber que cada vez mais uma parte da remuneração obtida pelo seu trabalho, pelo seu negócio, seu lucro, precisa voltar à comunidade em termos de salários, de melhores condições de trabalho e mais benefícios coletivos. O que ele faz não é nenhuma pregação socialista, mas condição necessária para a sobrevivência do capitalismo.

O empresário precisa partir para utilizar mais o seu próprio capital. O governo deve investir em obras de infra-estrutura, em obras que dêem condições ao empresário de crescer e subsistir. Acho que o empresário iniciante deve usar o seu próprio capital e usar subsídios e incentivos até com o mesmo pudor que uma criança usa a mão do pai para atravessar a rua. No instante que ele começa a atravessar, pode dizer que está crescendo sem necessidade de incentivos ou subsídios.”

FERNANDO CIRINO — “Há uma questão que é problemática. Diante de uma realidade brasileira onde a concentração da riqueza está no Centro-Sul, falar em tratamento uniforme em nível nacional seria trabalhar contra o Nordeste. Ser empresário numa região nordestina é um trabalho bastante profundo. É preciso muita dedicação e muito amor à terra. Nós que habitamos no Ceará, vemos riquíssimos empresários de outros Estados investindo em nosso solo. Isso demonstra que não têm sido suficientes os esforços para atrair investidores do Centro-Sul. É bom, portanto, esclarecer isto: uma vez dado um tratamento uniforme ao nível nacional, vamos trabalhar contra nossa região”.

PAULO MORAES — “Acredito que não tenha sido muito bem entendido quando falei que o empresário deve usar os subsídios e incentivos com pudor. Deve usar para que possa competir no mercado em igualdade de condições. Mas tem que trabalhar para isso e não ficar eternamente dependendo de incentivos e subsídios! Esses incentivos têm que ser dados, levando em conta as diferenças entre as condições de produção da nossa região e o restante do Brasil mais desenvolvido. No entanto, essa preocupação tem que existir porque a empresa que continuar eternamente subsidiada e incentivada não terá condições de crescer e chegar ao ponto que todo empresário almeja.”



LINCOLN MACHADO — “Vejo as coisas do ponto de vista financeiro e empresarial. Por que o sistema de tributação do Estado do Ceará é diferente do sistema de tributação de São Paulo? Lá o empresário tem o seu Imposto de Circulação de Mercadorias, o crédito de exportação. O Estado negocia com o empresário o ICM a pagar. Por que no Ceará não se pode fazer isso? Eu tenho a impressão que o que acontece com o empresário do Nordeste é que quando chove qualquer coisa em São Paulo aqui só respinga, não se toma conhecimento. Isso dentro do Governo local, também. Hoje, quem governa o Estado são empresários...”

Governo: um cobrador implacável

U.A. — Sr. Luiz Esteves, como empresário experiente, presidente da Federação das Indústrias do Estado, qual a sua opinião a esse respeito? De uma maneira geral, como o sr. está vendo a situação do microempresário na região?

Os Dez Mandamentos do Emprego do Futuro

- I. Salário e benefícios adequados (é óbvio).
- II. Respeito pelo indivíduo (comprovadamente), com o mínimo de discriminação possível.
- III. Produto que seja capaz de gerar orgulho.
- IV. Sensação de envolvimento (e espírito de equipe).
- V. Espaço para opinar.
- VI. Distância entre cúpula e base minimizada.
- VII. Preocupação com treinamento e aperfeiçoamento.
- VIII. Seriedade incontestável da empresa.
- IX. Relativa segurança no emprego — histórico de demissões somente em último caso; baixa rotatividade.
- X. Profissionalismo, com ausência de favorecidos e protegidos. (SEMLER, Ricardo “Virando a Própria Mesa” p. 252).

Estatização: uma pedra no caminho

A questão do envolvimento do Estado no setor produtivo é uma pedra ano caminho do empresariado brasileiro e nordestino, conforme podemos ver através das reflexões dos empresários que participaram dessa mesa-redonda. A questão parece nova. Talvez a novidade não esteja na proliferação das estatais que, contraditoriamente, foram patrocinadas pelo próprio regime militar, com o apoio dos empresários, mas na necessidade do próprio sistema capitalista em diminuir o peso do setor público. O Estado nos países subdesenvolvidos atua onde faltam recursos para o investimento privado e nos setores em que a taxa de lucro não é compensadora para as empresas privadas locais e multinacionais. Brasil, México, Venezuela são alguns países onde o setor público tem participação superior a 50% na formação anual do capital fixo. No Brasil, essa tendência vem se acentuando de forma dramática, além de ter uma economia extremamente controlada, centralizada e burocratizada pelo Estado, atravancando as forças de produção. Por isso, como diz o sr. Luiz Esteves, “não existe um só empresário brasileiro que possa afirmar com plena convicção que é dono de seu negócio. “Essa afirmação faz sentido. Hoje, mais da metade do PIB (Produto Interno Bruto) é gerado pelo Estado e o restante é controlado pelo centralismo econômico, sobrando poucas chances para a expansão das empresas privadas.

A década de 80 é a época da revisão do papel do Estado na vida econômica, tanto nos países pobres, como nos países ricos, socialistas e capitalistas, para surpresa de certos donos do poder que insistem em conservar a estatização burocratizante, com tudo que ela tem de fisiologismo e apadrinhamentos, que é sua moeda eleitoral. Para surpresa, também, de certos setores de esquerda que continuam batendo na mesma tecla de estatizar tudo, esquecendo-se a famosa frase de Friedrich Engels, que há 150 anos atrás, escrevia: “Nem tudo o que é estatal é socialista. Nem tudo que é socialista é estatal”.

Resta saber se realmente o nosso empresariado quer liberdade realmente, ou se estará querendo apenas uma fatia de poder dentro do aparelho estatal. Na relação simbiótica em que esteve envolvido desde o nascimento, talvez seja difícil atravessar a sua sem auxílio do “pai Estado”, alimentador de sua dependência. Na simbiose, como nos mostram os psicanalistas, um corte brutal na dependência pode ser perigoso para o equilíbrio do paciente. Estarão os empresários nordestinos preparados para uma vida independente? Pelo menos estão desejando. O que e um bom começo. (Benedito Carvalho).

LUIZ ESTEVES — “Ser empresário é cuidar do seu próprio negócio, dispondo de capital próprio ou então recebendo incentivos do Governo. Você nada teria se a isso não fosse introduzido o capital principal — o trabalho. O embaixador do Japão quando esteve aqui em Fortaleza, numa recepção oferecida pelo Governo Estadual, foi interrogado sobre o segredo do “milagre japonês”. Ele disse: “não tem milagre!” Qual é a receita? — perguntei. Ele respondeu: “trabalho, trabalho demais...” Poderíamos deduzir, portanto, que se você tiver trabalho você está apto para enveredar na aventura que é ser empresário. Aventura em qualquer país do mundo, embora no Brasil tenha uma coloração totalmente diferente, porque aqui o empresário é o único no mundo que tem um patrão. Esse patrão se chama Governo. Não existe um só empresário brasileiro que possa afirmar com plena convicção que é dono do seu negócio. Quem manda na empresa privada é o Governo, que sempre definiu as regras do jogo, pouco que se importando com as conseqüências que tenha sobre o empresário. Basta lembrar as rasteiras que o Imposto de Renda vez por outra arma e arqueta para tomar mais dinheiro do contribuinte. O Governo não se preocupa em estimular o empresário para que ele trabalhe mais, produza mais. Quer é que o empresário pague mais, mesmo sem produzir. Quando se dispõe a participar da empresa, exige a sua parte de leão. Por exemplo: que benefício concreto é esse chamado Fundo de Investimento do Nordeste (FINOR) ou o Fundo de Investimento da Amazônia (FINAM), onde os recursos, aparentemente, são entregues ao Nordeste ou ao Norte e a partir do instante em que chegam nas mãos dos empresários voltam para seu lugar de origem que é o Governo Federal plantado no Centro-Sul e de costas voltadas para todos nós? Aparelhos, pode parecer desestímulo aquilo que estou narrando, mas não é porque estamos suportando toda essa desigualdade de tratamento. Aí estão o Norte e o Nordeste inventando a chamada economia subterrânea, porque se essas regiões se entregarem honestamente à cobrança cruel e perversa do imposto, não sobreviverão. Isso não é feito pelo grande empresário, porque teve a coragem de aceitar o governo brasileiro como seu parceiro e sócio, o que é uma coragem inaudita, porque nada impede que esse Governo apele para o poder ditatorial para intervir onde ele bem entender. Nada impede que amanhã ou depois entenda de confiscar sua empresa, desde que ele é seu sócio e se considere majoritário. Não pela força do trabalho, mas do poder. Louve-se o grande empresário que teve a coragem de receber o governo no FINOR e FINAM e outros programas, como reflorestamento e tudo mais que se possa imaginar. Sempre o governo cobra o final a sua parte, que é a maior de todas. Por isso, para ser empresário no Brasil é preciso antes de mais nada coragem; trabalho e coragem.

Todos esses programas que foram feitos para beneficiar o empresário, acabaram não beneficiando. Pelo contrário, travaram e seguraram o desenvolvimento do País. Tanto que nós estamos aí, sem uma saída para a crise, porque a empresa privada não está saudável, deve ao governo tudo e porque esse governo é um cobrador implacável. Vai receber até a última gota de nosso suor, de nosso trabalho. Pretende, antes de tudo, pagar a dívida externa do que pagar aqueles que estão trabalhando e produzindo.



Luiz Esteves, presidente da FIEC

// Não existe um só empresário brasileiro que possa afirmar com plena convicção que é dono de seu negócio. Quem manda na empresa privada é o governo, que sempre definiu as regras do jogo. //



Fernando Gurgel, presidente do CIC

// Diante da realidade brasileira, onde a concentração da riqueza está no Centro-Sul, falar em tratamento uniforme a nível nacional é trabalhar contra o Nordeste. //

“Eu tenho a impressão que o que acontece com o empresário do Nordeste é que quando chove qualquer coisa em São Paulo aqui só respinga, não se toma conhecimento.” (Lincoln Machado) //

O que estou querendo transmitir ao pequeno empresário é o seguinte: se prepare para uma luta árdua. Não desanime, mas siba que, enquanto estivermos sob o domínio desse tipo de governo e de regime não teremos facilidade de sermos grandes e muito menos de crescer. Vai ser muito difícil, mas não deve ser isso que deve desestimular quem quer ser empresário. Venha ser um empresário, aprender a lutar, aprender como é gostoso chegar num fim de dia de atropelo e de preocupações e poder entrar em casa e dizer: ganhei o meu dia. Porque cada vez que você ganhar o seu dia estará ganhando o dia de sua família, o dia de seu Estado, de seu país.”

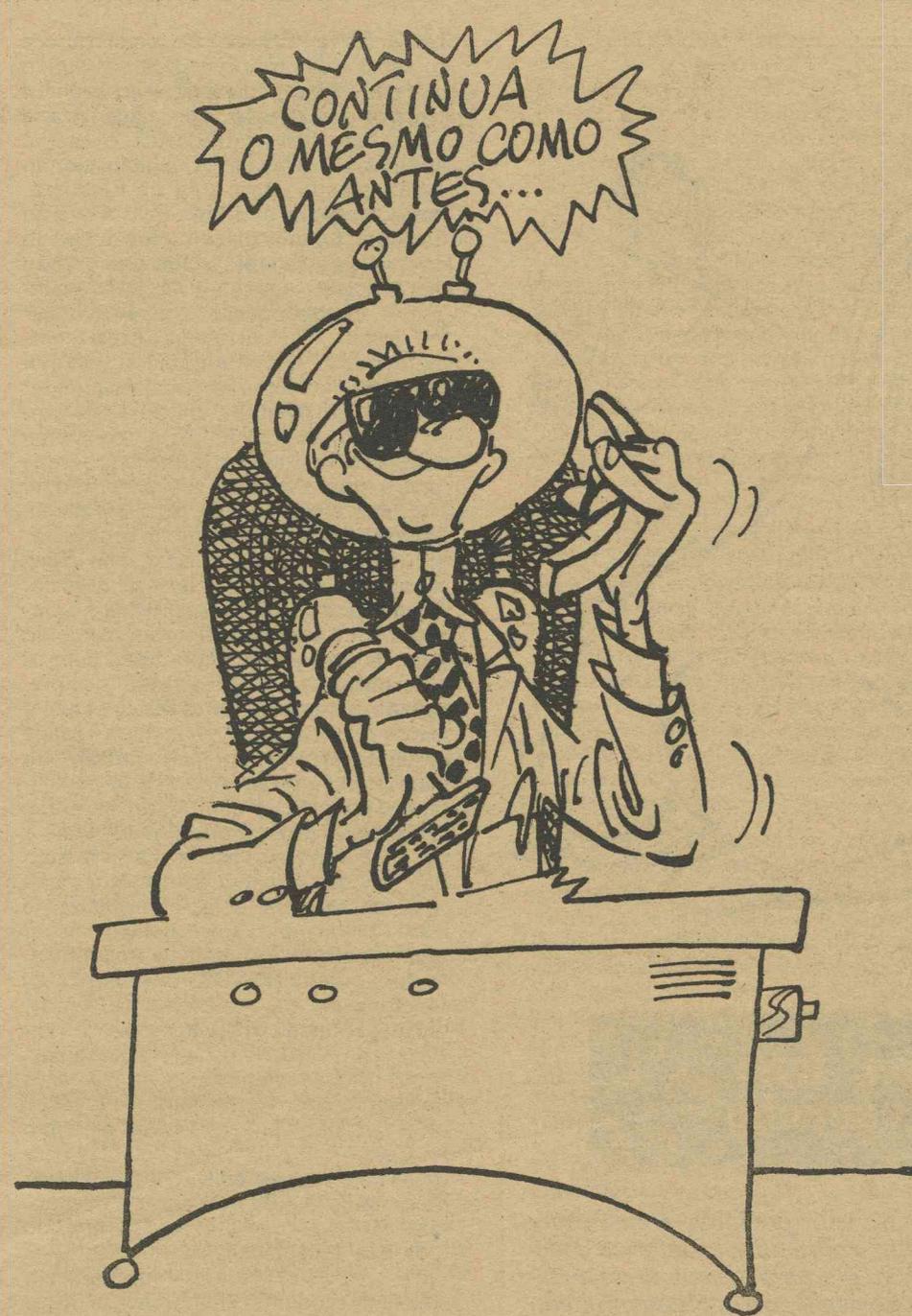
O Nordeste é viável

U.A. — Finalizando o debate, gostaria que vocês respondessem a uma pergunta: é possível pensarmos na viabilidade econômica do Nordeste? Que fatos comprovam essa viabilidade?

LINCOLN MACHADO — “A região Nordeste é viável! Os israelitas estiveram aqui e disseram o seguinte: “se nós tivéssemos essa terra em Israel seríamos outros”. Existe, portanto, possibilidades nessa terra. O que falta não é somente uma maior conscientização nossa, de nossos governos para que haja a devida iniciação desse micro e pequeno empresário. Vamos abrir condições, fomento. Só isso não basta. Uma andorinha só não consegue fazer verão. Temos que trabalhar em conjunto, brigar por um ideal só, porque cada empresário que queira, individualmente, reivindicar qualquer coisa que seja do governo, tem muita dificuldade e não irá conseguir. As entidades de classe têm o poder de fazer um lobby junto ao governo.

Nós temos um terço da população do Brasil e poderíamos tirar muito proveito. Mas, somos considerados como pessoas brasileiras de segundo grau. É o jegue — como chamam —, o cabeça chata, o baiano. Existe sempre um tomm jocoso com o nordestino, quando ele é o homem que mais trabalha nesse País.”

LUIZ ESTEVES — “Você citou uma coisa muito importante e confirma aquilo a que me referi: quanto é perniciososa a presença do Estado nas atividades da sociedade. As entidades empresariais brasileiras somente agora começaram a enfrentar determinadas situações. Somente agora tiveram a coragem de gritar contra



o governo e se lançar em campanha política, porque até então nós éramos uns pelegos, porque o governo é quem tinha a força do dinheiro, da coação. O empresário só subia à tribuna para fazer louvação ao governo. Por isso a malfadada figura do pelego. Hoje, ele está tendo a coragem, a consciência de seu papel. O operário na Constituinte fez um lobby mais atuante e muito mais vitorioso que o dos empresários. Isso, sem ter a força do governo, como poderia parecer que teria os empresários. O governo está interessado em sua própria força, voltado para seus interesses. Não está se incomodando que o empresário não seja vencedor no embate com o empregado. A coisa, agora, parece que tomou outro rumo. O empresário começa a ter vez para poder disputar com o empregado — que acordou mais cedo do que o empresário. Por isso, dou esse conselho ao empresário que está começando: não acredite que o governo é o pai de tudo e pode tudo. Acredite em si mesmo, na necessidade absoluta de acabar com a estatização. O governo não pode continuar interferindo na economia, seja do pequeno, do grande, do médio ou do micro.”

RAIMUNDO VIANA — “O Nordeste é tão viável que conseguiu sobreviver a todos esses anos de espoliação. Toda uma imagem negativa foi vendida do empresário nordestino. Agora, é preciso que

nós, nordestinos, nos conscientizemos de nossa viabilidade. Nós temos um litoral fabuloso, um potencial turístico incalculável. O microempresário pode explorar essa potencialidade nas pousadas, nas praias do litoral, no artesanato, na nossa cozinha, nos sucos, que são fabulosos. Pequeno empresário, acredite que o Nordeste é viável. Identifique as potencialidades e trabalhe e não aceite esse preconceito que se faz do Nordestino de que é preguiçoso e incapaz.”

ROBERTO PESSOA — “O nordeste é viável. Começando pelo setor agrícola, onde existem as mais pesadas críticas. Esse setor poderá ser o celeiro de exportação de alimentos do País. O Nordeste poderá ser a Califórnia do Brasil. Aqui tem duas condições excelentes: sol e clima. Um sol que permite que se produza tudo, não só para alimentar o nordestino, que está muito carente, mas o restante do Brasil. Nós temos aqui as condições técnicas para fazermos uma grande agricultura, uma grande pecuária. O que precisamos acabar é com essa idéia de que o Nordeste é discriminado. É discriminado porque nós mesmo nos discriminamos.”

FERNANDO CIRINO GURGEL — “Nós estamos presenciando um trabalho recente aqui no Nordeste que é o de irrigação. Embora tenhamos órgãos bastante antigos que desenvolvem trabalhos

nessa área, nós temos, agora, a oportunidade de ver alguma coisa concreta, o que mostra o potencial de nossa região. Há menos de dez anos estamos produzindo uvas no Vale do São Francisco, colhendo três safras anualmente e exportando essa uva para o mercado europeu. Produzimos melão em grande escala, algodão irrigado. Isso mostra que o Nordeste é viável e apresenta vantagens monstruosas com relação a outras regiões. Nos temos é que investir em cima dos homens para que eles adquiram uma cultura e conhecimento para explorar esse potencial que aí está.”

PAULO MORAES — “Vou responder a essa pergunta não na perspectiva de um economista, mas de engenheiro. E engenharia é sinônimo de criação. Sob este prisma, acho que o empresário Nordestino tem que usar da criatividade, de sua inteligência. Dou um crédito de confiança na viabilidade do nordeste. Dou o meu próprio testemunho: trabalhei nos Estados Unidos, trabalhei durante dez anos na região Sul e voltei para ser empresário aqui porque acredito que o Nordeste é viável, desde que se utilize a criatividade e a inteligência. Na área da informática, por exemplo, competimos em pé de igualdade com qualquer empresa de qualquer região do País, desenvolvendo sistemas de boa qualidade e de boa aceitação em todo o País. Acredito, portanto, que a região Nordeste é viável desde que o empresário escolha aquelas linhas de produção realmente competitivas.”

“Até então nós éramos uns pelegos, porque o governo tinha a força do dinheiro, da coação. O empresário só subia à tribuna para fazer louvação ao governo. Por isso a malfadada figura do pelego.

Dou um conselho ao empresário que está começando: não acredite que o governo é pai de tudo e pode tudo. Acredite em si mesmo, na necessidade absoluta de acabar com a estatização” (Luiz Esteves) //

// Precisamos acabar com essa idéia de que o Nordeste é discriminado. É discriminado porque nós mesmos nos discriminamos. (Roberto Pessoa) //

Diria a todos que fiquei radiante com dois fatos importantíssimos ocorridos no debate que a Universidade Aberta promoveu com os líderes empresariais do Ceará e ora traduzidos neste fascículo.

Primeiro, pela forma fácil e solícita com que eles se dispuseram a atender o nosso convite, fato que bem demonstra a clarividência de todos eles quando chamados a conversar sobre coisa séria.

Segundo, em razão do nível dos participantes relativamente ao conteúdo das discussões, enveredando para uma conversa sobre economia política.

Necessitaríamos promover, em nível regional, apesar de imperativa necessidade da existência de um clima nacional propício, inclusive de credibilidade, o estabelecimento de certas metas, como por exemplo fez o Japão.

Eles estipularam um prazo de 10 anos para organizar sua economia, referencial este que no mínimo possibilitou à sociedade vislumbrar o ponto que deveriam alcançar, além de oferecer a cada cidadão a chance de calcular a sua cota de participação no processo.

Hoje, em qualquer auditório em que se discuta a economia do País, ricos depoimentos são feitos por técnicos, empresários, professores universitários e representantes do povo, numa prova de que somos ótimos em

diagnosticar as coisas mas inertes na prática disciplinada de rever o quadro e aplicar uma terapia eficaz.

A nossa cultura, de natureza latina, tem nos instalado num patamar nitidamente "negativista" que impede que nos lancemos em grandes empreendimentos.

Ousar nunca, porque isto é um risco, e risco nos atinge na nossa tranqüilidade social e emocional.

Preferimos nos envolver em empreendimentos financiados pelo Governo — eis aí uma forma típica de mamar nas tetas do Governo — apoiado por políticos e amigos graduados, que nos garantirão contratos ou vantagens que não afetarão o nosso patrimônio pessoal (capital) e a certeza de renda certa e lucros abundantes.

O que nos aguarda no futuro?

Bom, o futuro se nos apresenta hoje como uma nova dimensão onde a popularização da tecnologia, via os vários processos de comunicação de massa, abre espaços de mercado cada vez maiores para quem deseja empreender.

O empresário do amanhã terá que ter uma visão menos egocêntrica e mais socializada dos seus ganhos e das chances de mercado, buscando horizontalizar, o mais possível as oportunidades, dividindo-as com os que possuem competência.

Em breve todos procurarão aprimorar os

seus métodos, melhorar a qualidade de seus produtos, incentivar o aprendizado e o desenvolvimento das habilidades dos seus empregados sem lhes cercear as chances de crescimento.

A avaliação do seu empreendimento terá como parâmetro a qualidade e presteza do que faz e serve, e não a imagem que ele fabrica, usando a via escusa da "propaganda", que ludibria o consumidor e cria falsos mitos.

O futuro nos exigirá ações mais disciplinadas e com uma forma mais consistente, técnica e profissional, em substituição às práticas empíricas e inconseqüentes que se refletem nos baixos padrões de qualidade, tanto na área privada como nos serviços públicos.

Acho que o maior desafio que o futuro nos aponta é a *modernidade*, é a necessidade de nos tornarmos atualizados, revermos nossas práticas, reconsertarmos nossos negócios e posturas, no mais das vezes distantes da sociedade, quando deveriam estar a serviço dela.

Os caminhos são fáceis de projetar, de discutir.

O difícil está no iniciar esta arrancada em busca de substituirmos a obtenção do lucro fácil pelo trabalho árduo, com amplas contribuições para o desenvolvimento social. (Prof. Ililson Silveira de Araújo).

Ceará: pólo irradiador de ensino

"Com o programa UNIVERSIDADE ABERTA, desenvolvido pela Fundação Demócrito Rocha, estamos falando para a população de dez Estados, através de 45 estações de rádio, que têm acesso também aos fascículos encartados nos principais jornais nordestinos. O Ceará, portanto, tornou-se o pólo irradiador do ensino a distância. É um curso que obteve do Ministério da Educação nível de excelência.

As respostas da população têm sido impressionantes. Fizemos, por exemplo, um curso de Informática e tivemos 20 mil pessoas inscritas. Se somarmos as pessoas que não se inscrevem, mas que acompanham sistematicamente os cursos, veremos que esse número é muito grande. Uma coisa fantástica, portanto.

A Fundação Demócrito Rocha é conveniada com nove universidades federais, além das universidades regionais, que são 6.

Isso reforça a idéia de que a universidade brasileira deve estar à disposição da sociedade. Seus professores, a inteligência universitária, e outros setores deve-

riam preocupar-se em difundir seus conhecimentos através dos meios de comunicação. Realizamos 26 cursos e alguns deles foram importantíssimos. No curso sobre a História do Ceará, lembro-me que o material foi colhido das teses que estavam guardadas nas prateleiras das bibliotecas universitárias. 14 professores foram chamados a reescreverem seus trabalhos, numa linguagem jornalística. Pela primeira vez se escreveu a história do Ceará para um grande público. O curso teve uma repercussão tão grande, que obteve nível de excelência do Conselho Estadual de Educação, que o incluiu no currículo escolar. Isso revela a força de um programa como esse.

O programa UNIVERSIDADE ABERTA, portanto, é do microempresário, do estudante de todas as áreas, do agricultor, do grande empresário, do professor e do cientista, enfim, de todos os cidadãos interessados na construção de um saber que impulse o desenvolvimento de nosso Estado e de nossa região. É uma experiência que vale a pena". (Demócrito Rocha Dummar, durante a abertura do debate com os empresários).

Questões discutidas no debate

- As perspectivas do microempresário: os problemas e dificuldades.
- O pequeno empresário e a conjuntura econômica.
- A importância da participação do empresário.
- O papel dos bancos e suas relações com o microempresário.
- O empresário do futuro.
- Os subsídios governamentais
- O papel do Estado na economia.
- A viabilidade do Nordeste.

// O que estou querendo transmitir ao pequeno empresário é o seguinte: se prepare para uma luta árdua. Não desanime, mas saiba que, enquanto estivermos sob o domínio desse tipo de governo e de regime, não teremos facilidade para sermos grandes e muito menos para crescer" //
(Luiz Esteves)

Pequeno verbete dos termos e siglas usados no debate

BANCOS — Empresa cuja atividade básica consiste em guardar dinheiro ou valores e conceder empréstimos. Executa, também, outras atividades, como pagamento e cobrança em nome de terceiros, ven-

das e desconto de títulos e operações com moeda estrangeira. Tipos de banco: comercial; de investimento; de desenvolvimento.

CEBRAE — Centro Brasileiro de Assistência Gerencial às Pequena e

Média Empresas. Entidade vinculada à Secretaria do Planejamento do Governo Federal, criada em 1972. Os seus programas são articulados pela Associação Nacional dos Bancos de Desenvolvimento e

pela Finep (Financiadora de Estudos e Projetos e Programas de Desenvolvimento). Suas atividades se dão em três áreas de atuação: assistência ao crédito; treinamento e aperfeiçoamento de pessoal; assistência técnica.

CIC — Centro Industrial do Ceará. Entidade dos empresários do Estado do Ceará.

CRÉDITO DE EXPORTAÇÃO — Também chamado de "crédito-prêmio". Linha de crédito criada pelo Governo Federal, a visando incentivar principalmente os setores ligados à exportação. Consiste num empréstimo feito pelo Banco Central e que corresponde a uma percentagem dos aumentos de faturamento das empresas exportadoras num dado período.

CAPITALISMO — Sistema econômico e social predominante na maioria dos países industrializados. Nela, a economia se baseia na troca entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, que são proprietários dos meios de produção e contratam os trabalhadores para produzir mercadorias.

CULTURA DE MASSA — É produto da sociedade industrializada, de tipo capitalista liberal, e se concretiza a partir do capitalismo monopolista e é própria da sociedade de consumo.

CAPITAL — É um dos fatores de produção formados pela riqueza e que

gera renda. Pode ser definido como todos os meios de produção que foram criados pelo trabalho e que são utilizados para a produção de outros bens.

CAPITAL DE GIRO — Parte dos bens de uma empresa representados pelo estoque de produtos semi-acabados, componentes e pelo dinheiro disponível (imediatamente a curto prazo). Também chamado capital circulante.

CONGLOMERADO — Tipo de organização no qual várias empresas que atuam nos mais variados setores e ramos da economia pertencem à mesma "holding". Caracteriza-se pela diversidade.

ECONOMIA SUBTERRÂNEA — Também chamada de economia informal. Atividade econômica desenvolvida à margem do controle do Estado, através de pequenas iniciativas, normalmente familiares. Ela é significativa tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

FINOR — Fundo de Investimentos do Nordeste. Organismo criado pelo Governo Federal para apoiar financeiramente empresas nacionais ou estrangeiras estabelecidas ou que venham a se estabelecer dentro da área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. O apoio financeiro do Finor se dá pela participação acionária ou pela aquisição de debêntures, conversíveis ou não em ações. Somente empresas industriais, agrícolas, agropecuárias, agroindus-

trias ou de telecomunicações podem receber esse apoio.

INFORMÁTICA — Disciplina matemática que cuida da transmissão de informações e da representação matemática das informações e de sua transmissão. O objetivo da Informática é ampliar ao máximo o número de informações transmitidas e diminuir os erros que possam acontecer com as transmissões.

ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias. Introduzido no Brasil em 1/2/65, em substituição ao IVC (Imposto de Venda e Consignações), é cobrado por cada Estado da Federação por ocasião da primeira operação de venda de uma mercadoria. Nas etapas subsequentes da circulação dessa mercadoria, o tributo incide apenas sobre o valor acrescentado em relação à operação anterior.

LOBBY — Grupo organizado para procurar influenciar os procedimentos legislativos. Nos Estados Unidos, a atividade dos "lobbies" é regulamentada desde 1946. No Brasil não há regulamentação, mas existem escritórios na forma de assessoria ou relações públicas.

KARL MARX — Filósofo e economista alemão (1818-1883), o mais eminente teórico do socialismo científico. Mudou o rumo da Economia Política, principalmente com sua obra "O Capital", a mais bem fundamentada crítica feita ao sistema capitalista.

TAXAS DE JUROS — Pagamento expresso em percentual por ano (ou percentual por mês) que um tomador de empréstimo paga em troca do uso de uma quantidade de dinheiro.

TECNOLOGIA — Ciência ou teoria da técnica. Abrange o conjunto de conhecimentos aplicados pelo homem para atingir determinados fins. As inovações tecnológicas determinam quase sempre uma elevação nos índices de produção e um aumento da produtividade do trabalho. O progresso tecnológico intensificou-se a partir da Revolução Industrial, e ocorre atualmente o que se chama de "revolução tecnológica", que vem transformando profundamente a estrutura da produção e os mecanismos de controle de dominação econômica, em nível nacional e internacional.

PROVA FINAL

No próximo fascículo serão publicadas as questões da prova final do curso INICIAÇÃO EMPRESARIAL. Os alunos deverão resolvê-las e enviar as respostas, para esta Fundação, até o dia 31 de março. Após a correção divulgaremos a lista dos aprovados, que farão jus a diploma de extensão universitária.



Curso
Pelo
Rádio

O aluno da Universidade Aberta pode acompanhar pelo rádio este curso. Eis a relação de emissoras que integram a Rede Nordestina de Rádios:

CEARÁ

Rádio AM do POVO S/A
Rádio Monólitos de Quixadá Ltda.
Rádio Tupinambá de Sobral Ltda.
Rádio Educadora de Cratéis Ltda.
Rádio Progresso de Juazeiro S/A
Rádio Cultura de Aracati Ltda.
Rádio Jornal de Canindé Ltda.
Rádio Pinto Martins (Camocim)
Rádio Litoral de Cascavel

RIO GRANDE DO NORTE

Rádio Libertadora Mossoroense Ltda.
Rádio a Voz do Seridó
Rádio Ouro Branco Ltda.
Rádio Princesa do Vale Ltda.
Rádio Poty
Rádio Currais Novos Ltda.

MARANHÃO

Rádio Educadora do Maranhão Rural Ltda.
Rádio Verdes Campos
Rádio Água Branca Ltda.

PERNAMBUCO

Rádio Clube de Pernambuco
Rádio Difusora Cardeal Arcoverde Ltda.
Rádio Cultura S/A
Rádio A Voz do Sertão
Rádio Cultura do Agreste Meridional Ltda.
Fundação Emissora Rural A Voz de São Francisco
Rádio Cultura dos Palmares
Rádio Princesa Serrana de Timbaúba Ltda.

PIAUI

Rádio Pioneira de Teresina Ltda.
Rádio Difusora de Picos Ltda.
Rádio Floriano Ltda.
Rádio Educadora de Parnaíba
Rádio Alvorada do Sertão

PARAÍBA

Rádio Tabajara
Rádio Borborema S/A
Rádio Espinhara de Patos Fundação Cultural N. Sra. da Guia

SERGIPE

Rádio Jornal de Sergipe Ltda.
Rádio Voz de Itabaiana Ltda.

ALAGOAS

Rádio Progresso de Alagoas Ltda.
Rádio Novo Nordeste Ltda.

BAHIA

Rádio Vale do Rio Grande
Rádio Extremo Sul da Bahia Ltda.
Rádio Clube de Conquista Ltda.
Rádio Regional de Irecê Ltda.
Rádio Caraíba Ltda.
Rádio Emissora de Alagoinha
Rádio Jacuípe Sociedade Civil



Universidade
Aberta

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA

Patrocínio decorrente da
Lei No. 7.505/86

A Universidade Aberta é um programa de ensino a distância mantido pela Fundação Demócrito Rocha, em convênio com a Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Vale do Acaraú, Universidade Federal de Pernambuco, Fundação da Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal da Paraíba, Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e diversas outras instituições de pesquisa e difusão tecnológica nacionais e regionais.

Seu objetivo básico é democratizar o acesso aos conhecimentos em nível superior, através de cursos de extensão universitária via meios de comunicação de massa, para o Norte e Nordeste do País.

Para tanto foram criadas a Rede Nordestina de Educação Superior Informal, integrada por 45 emissoras de rádio do Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí, Paraíba, Sergipe, Pernambuco, Bahia, Alagoas e a Rede Brasileira de Jornais, constituída pelos seguintes periódicos: O Estado do Maranhão (MA), O Dia (Piauí), O POVO (Ceará), Diário de Pernambuco (Pernambuco), A Tarde (Bahia), O Norte (Paraíba), Jornal de Sergipe (Sergipe), Diário de Natal (Rio Grande do Norte), Gazeta de Alagoas (Alagoas).

COORDENAÇÃO GERAL: CELESTE CORDEIRO

Endereço: Av. Aguanambi, 282
Fortaleza — Ceará — Brasil Fone: (085) 211.9666
Telex: 1107 e 1324